

As travessias pela América: aprender arquitetura e design através de uma experiência poética

Rodrigo Saavedra Venegas

Chefe de docência da Escola de Arquitetura e Design da PUC de Valparaíso, Chile

Contato: rodrigo.saavedra@ead.cl

Introdução – O poético que desvela o não aparente

Veremos a experiência de aprender observando, habitando e construindo, principalmente na sensitiva vivência de viajar e fazer arquitetura ao mesmo tempo. Começamos com a seguinte afirmação: a arquitetura é uma arte. E como se ensina uma arte? Como se transmite este aprendizado? Como se forma um artista? A arte é ensinada por meio de uma experiência sensitiva compartilhada e transmitida. No relacionamento entre professor e aluno, a transmissão não pode se afastar de um conteúdo emocional que sustenta e dá sentido à comunicação; um professor comunica algo e o demonstra com sua ação. Aqui, ação e emoção se associam para estimular o encontro com a matéria dos objetos, o que constitui uma experiência sensitiva. E um arquiteto como artista se forma na reiteração deste estímulo que o leva a unir o imaterial de uma ideia ao material da forma construída. Portanto, a experiência sensitiva tem sua origem em um entusiasmo inicial que a seguir se internaliza e aciona a criatividade, chegando à conclusão.

Na primeira parte deste artigo, falarei da origem da experiência tida como uma aventura, na segunda, tratarei da materialização da visão poética e na terceira

apresentarei uma recapitulação poética para fazer um convite à reflexão da arquitetura e da poesia como desveladoras do não aparente.

1 – A origem da experiência

1.1 – A poesia do “há lugar” e a observação arquitetônica

A América do Sul é o lugar dos poetas que fundam a relação poesia-ofício. Trata-se tanto de Godofredo Iommi, Efraín Tomás Bo e Raúl Young (argentinos), quanto de Napoleón López, Abdías Nascimento e Gerardo Mello M. (brasileiros). No ano de 1938, em um café de Buenos Aires, eles, então jovens poetas entre 20 e 21 anos, fizeram um pacto para que pudessem se manter juntos dali em diante. Criaram a Santa Irmandade da Orquídea, uma aventura à qual se mantiveram fiéis. Iniciaram a aventura em uma viagem pela América, que ancorou em diferentes pontos do continente. Godofredo Iommi ficou em Valparaíso e dali deu continuidade à sua aventura poética.

Naqueles anos, existia na Europa a problemática da transmissão do artístico. Em 1940, Sigfried Giedion manifestava sua preocupação com a separação entre as ações práticas e os sentimentos e emoções,¹ já que ao se

¹ Giedion disse: “uma boa parte das desgraças do século passado derivaram da convicção de que a indústria e a técnica possuíam apenas importância funcional, carecendo de conteúdo emotivo. As artes foram relegadas a um reino à parte e autônomo, totalmente isoladas das realidades

quotidianas. Consequentemente, a vida perdeu unidade e equilíbrio; a ciência e a indústria tiveram contínuos progressos, mas no reino do sentimento, agora isolado, a única atividade era a oscilação produzida de um extremo a outro”. (Giedion, 1978, p. 448)

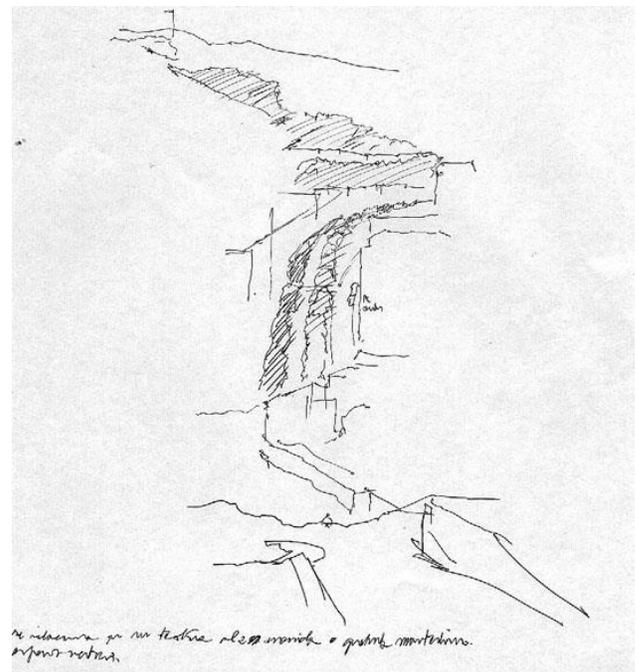
separar as artes das realidades quotidianas ocorre algo que não corresponde à condição humana, pois a integridade do homem dentro e diante do mundo para compreendê-lo, senti-lo e atuar nesse mesmo mundo é algo que avança em uma linha contínua onde os aspectos sensitivos se unem, e é justamente a ação e a emoção em uma simultaneidade que dá consistência à prática arquitetônica, que por sua vez está focada no humano. É este o conteúdo sensitivo do Projeto Arquitetônico. A ação se move pela emoção. A ação que o arquiteto desencadeia reside na invenção do sustento entre ação e emoção, que é o que se deve conseguir nos projetos. Isto tem origem em um modo de estudar onde a sala de aula possa ter relações mais amplas, estendendo-se à cidade e ao território.

Um feito leve em um lugar forte constitui um ato arquitetônico em potencial. Uma postura leve, o fato de conhecer esse tipo de coisas, de desenhá-las, refletir e entendê-las outorga o conhecimento do lugar. É um olhar abstrato de composição de uma relação entre a leveza e o lugar, entendendo esse fato nessa geografia com suas relações sócio-físicas.

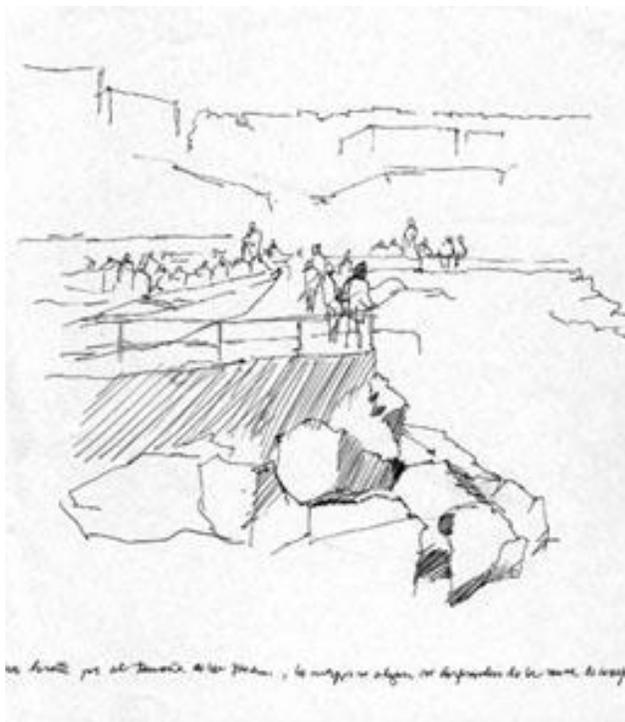
Assim se prefigura o espaço a partir de um olhar da leveza do habitar em uma geografia inclinada, por exemplo. Neste sentido, é importante compreender que esta observação tem seu laboratório em Valparaíso.



Observações em croquis. (Alberto Cruz C.). Fonte livro “Don Arquitectura”, editora Corporación Cultural Amereida, ano 2002.



Observação em Valparaíso. Croquis de uma linha da cidade. Croquis de Valparaíso. Autor.



Observação em uma vila de pescadores em Valparaíso. Croquis de Valparaíso. Autor.

Ali se concentra o campo espacial dessa observação, enaltecida e instauradora. Isto em ressonância com a palavra poética que direciona e alerta para onde ir, ouvir a palavra poética.

O olhar inocente, não ingênuo, que enxerga a realidade como ele, revelando uma virtude.

Formar-se nessa revelação do não aparente para criar.

E isto é “poesia e é arte”, que começa em algo leve e breve. Característica que emana na forma do tempo que vem acontecendo há 60 anos.

O ensino do sustento entre ação e emoção libera o formato do aprendizado abrindo a sala de aula à cidade, para aprender a arquitetura a partir da observação do acontecer nesta cidade que está plasmada em croquis e anotações e, em uma passagem abstrata que nomeia o evidente, nomeia a ação humana e as qualidades do espaço que contém a ação para ter, a partir dessa observação, um fundamento para se chegar à forma.

As salas de aula passam a ser a cidade e o território, e as formas nascidas dessas relações abstratas são a cada momento uma tentativa de encontrar uma arquitetura original para o continente americano.



Estudantes observando através dos croquis. Uma visão poética do território. Fotografia do autor.

Um estudante experimenta a arquitetura a partir do primeiro momento, propiciando um trato direto com a realidade. A observação é um tempo que se detém diante da realidade para refletir sobre qual virtude engloba a relação habitante x espaço, para descobrir as relações no espaço, as relações espaciais, as sombras, a luz, as profundidades, o estar, o objeto diante do que ele é, e desenhá-lo. E no decorrer do desenho, aparecem essas relações, essas virtudes. Um olhar sem preconceitos, um olhar inocente. Um olhar qualitativo desse espaço.

A ação de habitar em um estar contido em uma forma, o modo de estar em um lugar, esse acontecer temporal, que, visto por uma visão enaltecida, o nomeia ato arquitetônico.

O olhar que enaltece está sempre procurando a virtude, olha o lado positivo do lugar.

Esta observação também é elogio.

Isto requer um tempo, uma permanência que se outorga mediante a demora, a possibilidade de se chegar a um nome que estabelece a relação.

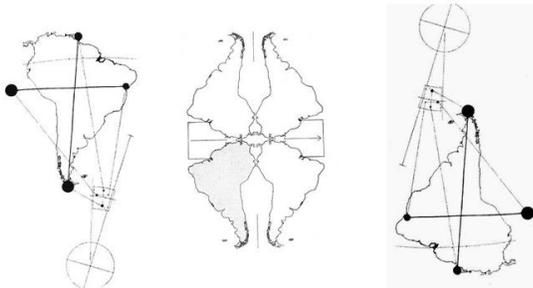
Tal observação está ligada à palavra poética, com um poeta em corpo presente que canta a virtude da existência, denominada como “há lugar”. Esta é uma poética instauradora e fundadora, e aponta uma abertura para um pensamento do que é próprio e originário do nosso continente, pensamento da abstração que estabelece a existência de uma referência continental, esta figura americana de uma totalidade que contem essa virtude.

A observação desvela o não aparente, a trama de significações que residem em um fato cotidiano.

2 – Materialização da visão poética

2.1 – Travessia de Amereida

La Poesía



El poeta proyecta la cruz del sur sobre estos y que el mapa representando una propia orientación, para abrir la pregunta sobre el origen y destino de Amereida.

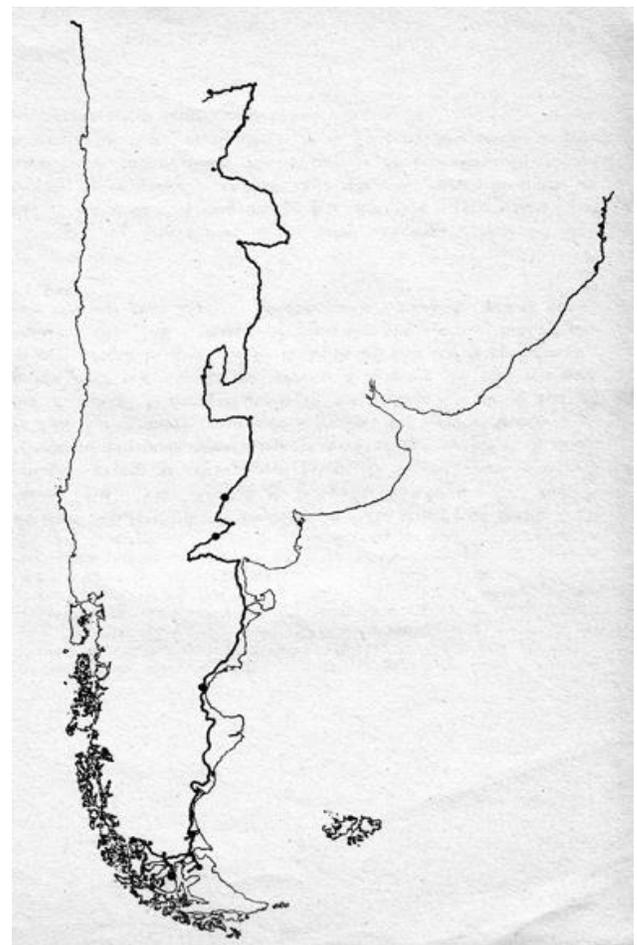
Visão poética territorial. Primeira Travessia de Amereida. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Invitación a la Travesía de Amereida:
The Times, Londres, 7 July 1965



Primeira Travessia de Amereida. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Mapa da viagem de Amereida. Primeira Travessia de Amereida. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

Falamos sobre uma arquitetura artística e nessa perspectiva vai sendo construído um ambiente que permite que ocorra a ação artística. Este ambiente existe

na relação inicial entre arquitetos, poetas, escultores, pintores, filósofos e designers.

Um primeiro momento é o poético ano de 1965, uma viagem artística e poética convocada por professores da escola. Foram convidados artistas europeus e americanos para que pudessem realizar uma viagem em que se fosse desvelando uma identidade americana, e esta viagem se chamou Travessia de Amereida.

Viajar observando e propondo a cada certo tempo, a cada encruzilhada, a poesia, a cidade, o país e o continente, cada vez se ampliando esse horizonte e o ir e receber.

Tal manifestação ganha forma em uma viagem, a viagem de Amereida, o primeiro poema de Amereida que vai para o continente em uma experiência de verdadeira magnitude. Uma viagem que procurava percorrer o continente, uma viagem que procurava desvelar a realidade americana, traçando um caminho de Cabo de Hornos a Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, chegando a Villazón, fronteira da Bolívia com a Argentina. Esta viagem procurava criar um tempo de reflexão. Ir para ver e rever este continente. A escola já se encontrava em Valparaíso.



Obra na Cidade Aberta. Palácio da Alba e do Ocaso. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong, Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

2.2 – Cidade Aberta



Terrenos da Cidade Aberta. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong, Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Obra na Cidade Aberta. Claraboia da sala da música. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

A terceira etapa foi em 1970, na fundação da Cidade Aberta, um espaço que vincula vida, trabalho e estudo. Ela nasceu da poesia para se tornar um lugar que abriga todos os ofícios dentro da sua existência mais criativa. Do ponto de vista do ensino, tem sido uma cidade laboratório desde a sua fundação até os dias de hoje. É um campo de experimentação para a arquitetura onde se trabalha em laboratório, segundo um conceito chamado Ronda, que dá origem a projetos arquitetônicos nos moldes de um Ateliê de obras.

O conceito aberto da Cidade Aberta vem da hospitalidade, que é a capacidade de ouvir o que o outro tem de melhor. A hospitalidade se cria na Ronda dos Ofícios e na Ágora que é a hospitalidade dos cidadãos e

dos hóspedes mediante assembleias, reuniões e laboratórios de obras, no relacionamento com os hóspedes. O poeta diz “ouvir o próximo e transmitir o que é seu”. A capacidade de ouvir o próximo é a origem da Cidade Aberta. Com ela, abre-se a possibilidade de se reunir todos os ofícios com todas aquelas pessoas que a partir de suas habilidades estejam dispostas a uma doação de vida, o que significa que a vida ganha mais ao estar vinculada ao trabalho e ao estudo em uma ocupação em comum, ou seja, algo que se pensa e se cria entre vários indivíduos.

A natureza é ligeiramente alterada para ser habitada. Esta ligeira alteração é símbolo e construção da continuidade de uma cidade. A cidade adquire sentido em uma detenção. A poesia, a palavra que é recebida de diferentes maneiras por cada um e que é novidade e desfrute, um presente; aquilo que se manifesta e eu entendo como o incessante voltar a não saber das areias.

Na Cidade Aberta se constrói a relação da palavra com o lugar para que se habite a cidade. Viver uma realidade de tal forma que a ocasião se torna definitiva e extensa. Sobre a areia, o indizível é cuidar de algo e isto somente se conhece vivenciando a relação entre palavra e lugar. Este algo é o Aberto e o aberto é uma forma de hospitalidade dos que pensam e fazem a Cidade Aberta, e estes são os cidadãos e os hóspedes.

Os cidadãos trocam hospitalidade primeiramente na Ronda dos Ofícios e na Ágora.

Trata-se de preservar a hospitalidade, estar atento a receber e a ser dono da palavra para fazer com que surja a originalidade nas obras que se idealiza, se pensa e se constrói em comum, velando pelo “aberto” da Cidade

Aberta em uma forma de trabalhar chamada Ronda dos Ofícios.²

A Ronda é a forma de exercer a hospitalidade entre todos, é daí que nascem as obras. O estágio mais alto de se exercer esta forma de trabalhar em Ronda chama-se Ágora, que é um tipo de governo da Cidade Aberta, onde sob o consentimento de todos são decididos os aspectos que definem a vida e o destino da Cidade: a incorporação de um novo cidadão ou a construção de uma nova obra, por exemplo.

Na Ágora e na Ronda dos Ofícios parte-se de uma pergunta constante sobre o presente: viver a plenitude do presente.

Com o hóspede, o convite é poético: desvelar o mais precioso e presente do seu próprio trabalho na interseção entre disponibilidade e disposição, que constrói a abertura da Cidade Aberta.

Atualmente, oferece-se hospitalidade à Escola de Arquitetura e Design, seus professores e alunos.



Ato poético na Cidade Aberta. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

²O poeta Manuel Sanfuentes disse sobre a Ronda: “trabalhar assim, entre vários, em ronda, sob a forma de uma divagação sobre o sujeito ou sobre a questão, dá à obra as dimensões que deve ter; estas dimensões são projetadas e vão sendo desenvolvidas tão logo o que foi discutido adquire



Ato na Cidade Aberta. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

Os alunos da Escola são recebidos no Curso de Cultura do Corpo, nos torneios e nos Ateliês de obra, onde são hóspedes da Cidade Aberta. Em Cultura do Corpo, após serem recebidos pelos poetas aos pés da duna, dirigem-se à praia ou aos terrenos altos para praticarem os diversos esportes que acontecem no local. Os torneios realizados uma vez por ano comemoram a relação poética entre os ofícios e o corpo através de jogos. O torneio é uma obra.

Existem, também, os visitantes, que são hóspedes. O visitante chega, é convidado e, caso tenha disposição para dizer algo, é ouvido para, a partir do seu trabalho ou ofício, estabelecer alguma relação com os cidadãos do lugar. Esta relação tem a ver com coordenadas da vida, do trabalho e do estudo, uma relação em um determinado momento que tem a forma de laboratório, seminário, reunião ou estudo na Cidade Aberta. Os cidadãos e os hóspedes participam de Atos Poéticos e de Estudos que correspondem a uma forma de estudar o espaço, em uma situação extraordinária de habitar o espaço em que o corpo determina certas medições que abrem uma matéria sobre o terreno habitável.

formulação, ou seja, surge no espaço das areias. Vários sob a forma de uma divagação sobre a questão, preservando a relação com a poesia que, da sua interioridade mostra o seu papel, cito Godo, se ela revela o ato humano, é por causa desta ação que se torna Festa”.

2.2 – Ateliê de obra

Uma coincidência é a condição artística aberta que requer a sustentação das relações humanas. Estas são, em um primeiro estágio, entre professores, mas depois entre os estudantes, em um formato chamado Ateliê, um espaço que promove o diálogo, a interação e a criação. O Ateliê é o espaço onde se ditam as aulas, incumbem-se e corrigem-se tarefas, realizam-se projetos. É nesse formato que surgem as matérias e florescem as relações entre a arquitetura e a poesia.

A partir do Ateliê surgem os momentos que colocam em evidência um ensino que se encaminha para uma arquitetura que considera o habitar do homem no espaço o seu princípio fundamental.

O Ateliê de obras é um convite aos alunos de arquitetura e design para participarem da origem e da construção das obras na Cidade Aberta.

Os alunos são convidados a participar da Ronda, onde se discute a origem, o destino, os passos e as dimensões que vão configurando o projeto e também as relações, que em sua real dimensão surgem através de uma obra. Do projeto à obra e da obra ao projeto. Neste período, os alunos têm um profundo contato com a Cidade Aberta, onde vivenciam a relação de vida, trabalho e estudo.

As Torres de Água, as Celas e a Mesa do Entreato são exemplos de obras hospitaleiras com aqueles que as realizam já na sua construção, pois são um campo de trabalho, de pesquisa e de experimentação do espaço e da materialidade de uma obra de arquitetura. Nas Torres de Água, os elementos estruturais permitem, a partir de uma operação de montagem, que se construa uma vertical mais alta da cidade que favorece um distanciamento artificial maior.



Torres das águas. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Mesa do entreato. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



As Celas. Cidade Aberta. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

A mesa das celas se constrói na relação interior x exterior. Sai para receber e se sustenta por uns pedestais que constroem uma luminosidade no vácuo entre as pernas da mesa. Cada face é idealizada por três alunos, o pedestal por doze e os quatro pedestais foram construídos por todos do Ateliê.

Juntos, cidadãos, hóspedes, professores, alunos e convidados construímos espaços que propiciam a hospitalidade, tais como mesas e hospedarias, lugares que dão forma à relação da hospitalidade com a areia. O habitar gera uma cidade que, desde o início, quer ser um convite aos ofícios para que concebam a liberdade do comunitário. Queremos que se vivencie esta possibilidade, uma riqueza que manifesta em cada um de nós a possibilidade de ser cada vez mais a condição de

uma aventura americana que queremos que culmine na plena relação da palavra com a forma. Aí é onde aparece a forma. A mesa do entreato é um símbolo dessa relação de hospitalidade nas areias. Uma mesa para cem pessoas idealizada por muitos de nós e executada em um período que favoreceu o seu amadurecimento formal, uma ocasião para a Ronda.

Olhando para a realidade universitária, procura um lugar para fundar um povoado dedicado à abertura de todos os ofícios. Procurando a tríade vida, trabalho e estudo. A vida no sentido de vincular trabalho e estudo em um só lugar.

2.3 – As travessias pela América

No ano de 1984, houve uma reformulação no plano de estudos da escola com a finalidade de se conseguir duas abstrações.

A primeira foi a matemática, no sentido de introduzi-la como um espaço de construção de pensamento, de construção de uma linguagem que proporcione a abstração necessária para se levar adiante a relação entre a poesia e a arquitetura (palavra e posição).

A segunda abstração foi o continente, que deve ser atravessado para que se possa compreender a sua escala e desvelar a sua identidade. Aqui, justamente nesse ano de 1984, surgiu outro momento que vinculou o valor emocional através da viagem, e o valor plástico através da abstração de uma escala maior. Dessa dualidade nasceram as travessias pela América (um laboratório que viaja pelo Continente americano), viagens arquitetônicas que levam à realização de uma obra de arquitetura ou design, entregue como um presente para o lugar e seus habitantes.



Obra de travessia em Curimahuida.
Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Obra de travessia em Salar de Coipasa.
Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Obra de travessia em Puerto Guadal, região de Aysén, Chile.
Autores: Ivan Ivelic, Mauricio Puentes, Jaime Reyes, Rodrigo Saavedra. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2004. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

As Travessias são experiências sensitivas e criativas das quais participam professores e alunos uma vez por ano, durante a primavera. Todos participam. Um estudante realiza, ao longo dos seus estudos, pelo menos cinco dessas experiências.

Tais experiências vinculam a ação contemplativa da observação com a ação prática da construção e com a ação poética de se presentear.

Da relação dessas três dimensões é estruturado o modelo pedagógico. A Travessia nasce do convite de um poeta que indica ao arquiteto a que parte do continente americano ele deve ir (uma indicação de “para onde ir”), fato que se constitui da relação entre palavra e forma. A palavra a partir da contemplação é resultado da observação de croquis e anotações, e por conta destes se descobre a potência dos lugares. A forma é o que se constrói nesses lugares e o que sustenta as ações humanas que acontecem nas diversas geografias do continente. Assumindo poeticamente que a América surge como um presente, tais obras são, igualmente, um presente para o lugar e seus habitantes. Ou seja, o poeta convida para que se doe uma obra ao continente e este presente adquire seu

mais puro significado ao não se esperar nada em troca. Mais adiante falaremos mais profundamente sobre o ato de apresentar. Por enquanto, o mencionaremos segundo o conceito de Ricoeur de presente assimétrico.

Na Travessia existe um reconhecimento social, uma poética que é ao mesmo tempo viagem e forma. Existe algo de especial em ver aparecer a forma com essa ilusão, que não é uma suposição, já que os corpos em união geram alegria. São obras que nascem desta aventura, e talvez por isso nasçam sendo um presente. O que se presenteia não é o fato construtivo, mas o que a obra alberga, o ato arquitetônico. Estas viagens poético-artísticas que concluem uma obra de arquitetura contêm todas as dimensões da arquitetura levadas ao extremo, com a novidade de que não nascem de uma encomenda, mas vão ao encontro desta. É uma aventura em busca daquilo que desvele um acontecimento específico no continente e que parte da teoria da equivalência dos lugares americanos: que todos os lugares têm virtudes, desde que exista a relação homem extensão.



Travessia em Puerto Guadal, região de Aysén, Chile. Autores: Ivan Ivelic, Mauricio Puentes, Jaime Reyes, Rodrigo Saavedra. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2004. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Travessia em Puerto Guadal, região de Aysén, Chile. Autores: Ivan Ivelic, Mauricio Puentes, Jaime Reyes, Rodrigo Saavedra. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2004. Arquivo fotográfico José Vial Amstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

Primeiramente, este acontecimento (relação homem x extensão) deve aparecer naqueles lugares que consideramos desconhecidos dentro do continente americano, e a América pode ser compreendida através dos seus elementos geográficos: mar, desertos, cordilheiras, estepes, pampas, etc.; elementos com dimensões abrangentes, em uma escala que ultrapassa as fronteiras políticas dos países americanos. A Cordilheira dos Andes, por exemplo, se estende da Venezuela até o extremo sul do Chile. Enxergar o continente como o espaço a ser trabalhado leva a uma compreensão das diferentes escalas que relacionam uma obra de arquitetura. É um espaço continente porque contém. E esta continentalidade é a característica que na experiência da Travessia, acompanhada pela poética, faz com que aumentem as dimensões e as relações, o lugar ganha espaço e contexto. Nas mudanças de escala a compreensão da travessia se supõe, por exemplo, uma compreensão de todas as escalas porque se viaja 5000 km e é elaborado um detalhamento construtivo. Assim, este detalhamento construtivo concreto e material tem relação com os 5000 km. A localização, por sua vez, é uma relação, a relação da obra com as diferentes escalas. E a

viagem permite que se habite a escala continental e que se compreenda a totalidade da obra.



Trabalhos de corte e dobra em papel para a obra de Porto seguro. Obra de travessia em Porto Seguro, Brasil. Autores: Patricio Caraves, David Jolly, Mauricio Puentes, Rodrigo Saavedra, Juan Carlos Jeldes, Andres Garces, Marcelo Araya, Michele Wilkomirski. Manuel Sanfuentes. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2000. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Obra de travessia em Porto Seguro, Brasil. Autores: Patricio Caraves, David Jolly, Mauricio Puentes, Rodrigo Saavedra, Juan Carlos Jeldes, Andres Garces, Marcelo Araya, Michele Wilkomirski. Manuel Sanfuentes. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2000. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.



Construção luminosa da luz de Valparaíso em Porto seguro. Obra de travessia em Porto Seguro, Brasil. Autores: Patricio Caraves, David Jolly, Mauricio Puentes, Rodrigo Saavedra, Juan Carlos Jeldes, Andres Garces, Marcelo Araya, Michele Wilkomirski. Manuel Sanfuentes. Ateliê do Primeiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2000. Arquivo fotográfico José Vial Armstrong. Escola de Arquitetura e Design, PUC-Valparaíso.

É o caso da Travessia para Porto Seguro, onde um fragmento de 40x80cm de aresta é feito por cada aluno que participa da travessia e depois colocado na estrutura, que se instaurou no local, construindo um lugar com características de avistamento, fundado no primeiro lugar avistado pelos portugueses e que ocasionou o descobrimento do Brasil. Desta forma, a obra em sua localização relaciona história, memória e geografia mediante o seu discurso, que é traduzido como uma forma de outorgar a possibilidade de uma localização com orientação para qualquer pessoa que ali habite. Habitar

de um modo avarandado. Para o usuário é um mirante voltado para o mar e para o arquiteto é um mirante voltado para as origens.

3 – Recapitulação poética, revelar o não aparente

3.1 – Projetar observando o lugar

Um exemplo é a obra da Travessia Aula Ruca, em Marimenuco,³ Região da Araucânia, no Chile.

Nas conversas com o professor e a assessora intercultural da Escola local a respeito dos eventos próprios da comunidade, eles falaram do We-tripantu (a nova saída do sol), o ano novo mapuche. Eles contam que, nos últimos anos, a celebração foi dentro de um armazém de lenha por falta de outro espaço. Para essa celebração era necessário um ambiente interno onde se pudesse fazer fogo e cozinhar os pratos tradicionais para passar o dia junto às rezas do solstício de inverno.



Comunidade Marimenuco, região da Araucânia. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.



Primeiros rascunhos da obra. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.



Edificação da obra. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.

A instalação da obra ocupa os três primeiros dias da Travessia. Tarefas de observação e conversas com os habitantes da comunidade, rodas de conversação em que compartilhamos observações, descobertas e as primeiras ideias. Os traços invisíveis de Marimenuco foram se elucidando a cada passo que demos e cada novidade descoberta se incorporou à obra. Aprendemos os nomes das colinas, os diferentes grupos de araucárias e os nomes das pessoas. Marimenuco foi aparecendo sensivelmente

São trasumantes, e sua economia baseia-se no pinhão, fruto da Araucária.

³ Marimenuco é um pequeno povoado das cordilheiras no sul do Chile onde vivem 50 famílias de origem Pehuenche.

após demorarmos e nos determos para ver o que foi existindo no tempo.

Nos percursos existem traços definidos com um caráter ritualístico com respeito ao território e aparecem valores de enraizamento cuja leitura é o reconhecimento dos fatores de identidade do lugar. E este caráter ritualístico dos percursos é importante, pois é o universo onde se insere a obra da travessia e onde ela se estabelece quando nós partimos.

3.2 – Projetar e construir ao mesmo tempo

Do inesperado surge o mistério da forma. Acredito que isto tem uma relação com a viagem. Uma viagem não se faz a não ser viajando da mesma forma que se constrói, não se faz a não ser construindo. Le Corbusier dizia que quando sente que cria. Isto é uma ação que ocorre na Travessia e é o que gera a alegria que, na sua reiteração, se converte em uma marca. O inesperado da viagem é o que garante a sua unidade e a sua significação com o desconhecido.

Arriscar-se implica em confiança e para tal é necessário o conhecimento. Ouso defini-lo como um conhecimento amoroso da matéria, e provocar isto no estudante é transmitir a realidade de que a arquitetura se faz com materiais e só assim aparecerá um amor pela matéria, porque ao final é a matéria, o material, que nos transmite os estímulos para os nossos sentidos. A arquitetura é uma realidade sensível.

A viagem como projeto transmite uma relação apropriada (ou justa) da parte com o todo, sendo o que relaciona a parte ao todo.

A possibilidade de experimentar o processo completo de um projeto proporciona uma dimensão justa deste. Isto ocorre ao se verificar e avaliar os fatores que incidem na materialização (passagem da forma como ideia para a forma como obra), desde fatores materiais, que implicam em conhecimentos físicos, a fatores imateriais, que

implicam em conhecimentos objetivos da cultura e das ações humanas.

A partir da ação criadora como invenção e da ação criativa de uma experiência material concreta de obter a matéria e a experiência da conclusão, acontece o desfrute de ver aparecer, é outorgada ao arquiteto a medida exata da obra.

Esse desfrute de ver aparecer é experimentar a emoção que está implícita no ato construtivo.

Isto é algo que pude observar nos estudantes durante as Travessias. Um entusiasmo pelas tarefas que aumenta quando se vê o resultado de um processo. Essa experiência de conclusão tem um retorno no íntimo de cada um mediante a alegria que experimenta: a alegria da tarefa concluída.

Os estudantes habitam a obra quando experimentam o ato arquitetônico no reconhecimento da ação criativa realizada. Uma comprovação da forma no sentido de entendê-la como sendo um presente. Ao ver o que foi realizado, os estudantes experimentam um desfrute a partir do qual também compreendem a obra do ponto de vista social e cultural. A obra é um presente que dá margem à alegria, permitindo assim transformar o que é habitual em um ato.

Aprende-se na continuidade de um projeto em um espaço breve de tempo, sendo autor de todo o processo. Sintetizando dimensões humanas, materiais e culturais, um vínculo entre a experiência sensitiva e conclusa e a alegria. Sensitiva quando se refere ao lugar, à construção e ao uso. Conclusa no que se refere ao transcurso de dimensões anteriores, desde o lugar como ocasião para a arquitetura até a obra construída e habitada. E a alegria acompanha o processo por meio da viagem e do ato de presentear a forma.

A obra vincula a criatividade dos estudantes e dos professores através do encontro com o ato e com o lugar, que ocorre com alegria. Dessa forma, o ato da obra se

formaliza a cada dia e se abre como o ato da contemplação. É um mirante para todo aquele que chegue a esse lugar. A fuselagem, a torre e o cais permitirão que se olhe novamente para o lago, tanto de dia quanto de noite. Uma permanência diante da natureza a partir do artifício. A atenção experimenta uma alegria e um alegrar o corpo.



Obra finalizada. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.



A obra e sua extensão. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.



Interior da obra em Marimenuco. Obra de travessia em Marimenuco, região de Araucânia, Chile. Autores: Rodrigo Saavedra, Ursula Exss. Ateliê do Terceiro ano de Arquitetura. Escola de Arquitetura e Design PUC-Valparaíso, 2011. Fotografias dos autores.

O indispensável nas Travessias é o presente que o habitante do lugar recebe e o processo projetivo que o estudante experimenta para poder realizar tal presente. As travessias são viagens que ensinam a alegrar.

O presente e o lugar

Em um plano ideal e transcendente, o limite do esquecimento em um ato de presentear não existe porque não se espera nada em troca. Porém, no plano real e contingente (ou seja, humano, no nosso plano), tal limite existe quando, ao buscarmos um equilíbrio, procuramos por algo que preencha a ausência do que se desprende, para que com isso possamos alcançar esse equilíbrio. E Isso ocorre de forma diferente em cada um de nós, mas todos queremos essencialmente que a emoção possa produzir um reconhecimento que seja alegre... nossa natureza busca a alegria.

Entramos em uma encruzilhada entre a condição essencial do ato de presentear (dar sem esperar nada em

troca) e a natureza humana, que busca um reconhecimento como gratidão, que busca a identificação.

Voltemos à pergunta deste objetivo. O que é adequado neste presente? Qual é a sua razão?

Na arquitetura queremos que o presente, a doação, perdure e ao estabelecermos uma duração devemos conhecer o lugar no que diz respeito aos seus aspectos ambientais, tecnológicos, geográficos e culturais. Quando essa duração prevista coincide com o que foi projetado, concluímos que o presente foi adequado. Quando a duração prevista não é a apropriada, o presente não é aceito.

A emoção no espaço é experimentada no momento em que o corpo sente com todos os seus sentidos.

Daí a poesia... a América irrompe como um presente e agora é o presente que irrompe na América.

Acredito que é fundamental aprender a construir a dimensão festiva da vida do homem, ou seja, que o arquiteto deve transformar o trivial.

A sustentação entre emoção e ação é a surpresa que se torna o desenlace e a partir disso é possível afirmar que uma obra de arquitetura pode ser pensada como um presente.

A vocação de ensinar do professor arquiteto é a de ensinar a festa, e a necessidade de aprender do estudante arquiteto é a de aprender a festa.

Uma experiência sensitiva. A viagem é uma ocasião para aprender a se alegrar, pois a viagem nos tira da rotina. Sensibiliza, nos coloca diante das coisas no limite de estar entre limites, cujo transpasso é consciente e por ser

consciente se sabe que se chega a algo novo. A novidade é estar na passagem do conhecido para o desconhecido.

E o mais importante é que o fato de presentear é o que sensibiliza e dá alegria.

O presente se dá entre várias pessoas e para várias pessoas.

Na Travessia, a arquitetura se aprende desde sua essência. Um feito de pessoas para pessoas, onde o projeto pode ser entendido como um presente.

Um lugar significativo para ser compartilhado entre todos. A arquitetura é isso e tal lugar deve ser habitado com celebração e festa.⁴

É preciso conseguir que o projeto seja significativo, ou seja, que abarque os elementos de reconhecimento de um determinado lugar e seja compartilhado entre todos. É preciso que todo o valor social do lugar seja compartilhado e habitado com celebração e festa. Para isto é necessário formar arquitetos sensíveis.

Tal sensibilidade é alcançada nas Travessias, pois estas são as viagens que ensinam a alegrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GIEDION, S. La mecanización toma el mando.

Barcelona: Gustavo Gili, 1978

RICOEUR, Paul. Caminos del Reconocimiento.

Madrid: Trotta, 2005.

SANFUENTES, M. Prancha apresentada na Exposição "Arquitectura Contemporánea en Chile", maio 2012, COAC, Barcelona.

Tradução: Tema Editoração

Revisão Técnica: Fernando Espósito

orientada que consegue fazer dos trabalhos e ofícios dos homens uma celebração ou festa.

⁴ Fabio Cruz Prieto, arquiteto, acadêmico e um dos fundadores da Escola de Arquitetura, apresenta nas suas aulas a definição da obra de arquitetura como uma extensão